

Preâmbulo

“Esta história tem seu começo no mês de outubro do ano 2018, durante o curso de Portugues no instituto cultural do Brasil (ICBV), quando o professor Rafael Rodriguez pediu completar uma historia da apostila”. O primeiro capítulo foi extraído diretamente da apostila, mas a partir do segundo começa o desenlace produto de meu engenho.

Tenho assistido muitas series dramáticas do produtor Dick Wolf, especialmente seus dramas criminais, pelo que me atrevo calificar esta história como um drama criminal, mas também como uma historia de ficção, pois as maiorias dos acontecimentos que estão escritos não estão basados em uma historia verdadeira, mas o sentimento que ela gera é totalmente genuino.

Desejo que na medida em que você leia possa pensar e sentir como cada personagem que aí se descreve e que ao final extraia a lição, mas importante de todas. Lembre que todo tem uma explicação e toda ação tem uma reação que não todo mundo consegue perseverar.”

Capítulo 1

Ele morava no Rio, era funcionário público estadual. Casado com uma mineira, levava uma vidinha quieta e sossegada.

Um dia, no entanto, algo aconteceu. Sua sogra precisava ir a Minas ver uma fazendinha que o marido tinha deixado. A fazenda, cujas terras estavam abandonadas, ficava no Triângulo Mineiro. Foram os três, de Volks, ele, a mulher e a sogra. Na fazenda, a velha teve uma síncope fulminante. Levaram-na correndo para Uberaba. Tinha morrido mesmo. Enterrar onde? Ali? O sogro estava no túmulo da família, no Caju.

O jeito era voltar logo para o Rio, para fazer o enterro. Voltaram.

A sogra deitada no fundo do carro, coberta com uma mantilha de renda, a mulher chorando baixinho, entre o desconsolo e a compreensão, e ele, a noite inteira, firme no volante, comendo asfalto. Não parava para nada. Só uma vez, por causa da gasolina, mas arrancou logo. Lá atrás, balançando o cadáver miúdo da velinha.

Depois de Juiz de Fora, já madrugada, a fome apertou. No primeiro posto, saíram um instante para ir ao banheiro e comer sanduíche. A chave ficou no carro. Era um minuto só e a sogra estava ali, embora morta, vigilante. Quando voltaram, o pior tinha acontecido. O carro não estava onde ele o tinha deixado. Alguém o tinha levado. Polícia, amigos, anúncio em jornal. Tentaram tudo.

Até hoje, nem carro, nem sogra.

Capítulo 2

A mulher estava desconcertada, só haviam passado quatro dias, mas para ela os dias foram como anos. Mesmo quando ela sabia que sua mãe deixara de existir, não parava de chorar, pois sentia que não tinha podido despedir-se ou fazer um belo funeral.

Quando eles não ouviram notícias da polícia, que mantinha aberto o caso, decidiram-se mudar longe, onde ninguém os conhecia, não avisaram nem aos vizinhos nem aos conhecidos.

Nesse momento o ar que se respirava na delegacia de Juiz de Fora não era agradável, a delegação estava na mira do prefeito pelo baixo índice de solução de casos em todos os departamentos. A

cabeça de Rogério Galloro (atual diretor) pendia de um fio por esses resultados.

Não tinha passado um mês desde a última reunião com o departamento quando de modo improvisado o Sr Roberto convocou uma nova reunião com todo o pessoal incluindo os departamentos de segurança e manutenção. Todos os funcionários luziam atemorizados, pois imaginavam que a reunião significava o fechamento da delegacia.

O diretor quebrou o silêncio e só falou das queixas que tinham alguns empregados e a comunidade pelos maus odores que procediam da delegação. Expressou sua insatisfação e indicou que tinha coisas mais importantes pelas quais se preocupar que pelo padrão de limpeza do lugar. Além disso deu a ordem explícita

A Sogra

para que no final do turno o odor e as queixas desaparecessem.

Quase de jeito uníssonos se ouviu um ah!, uma expressão de alívio pois não era o que eles temiam. Em seguida o chefe de manutenção junto ao de segurança formaram quadrilhas para a manutenção do lugar com o fim de deixá-lo tão reluzido que merecesse um reconhecimento.

- Mãos à obra! Exclamaram todos.

A manutenção foi supervisionada o dia inteiro nos interiores do lugar, ninguém vagabundeou, mas o turno acabou e o odor continuou. O dia seguinte começaram os trabalhos de manutenção e limpeza nos exteriores. O cheiro estava ficando mais e mais forte, provinha do estacionamento.

- O que é? Perguntou um deles sinalando algo.

O sonho de obter reconhecimento pelo esforço no trabalho de limpeza se tornou um pesadelo.

Depois da descoberta, o chefe de manutenção pensou em mantê-lo em segredo até conseguir uma solução, mas o chefe de segurança preferiu apoiar-se no departamento de inteligência.

- Não é possível! Disse o chefe de inteligência quando viu a descoberta. A equipe ficara boquiaberta, ainda mais porque sem necessidade de mostrar, eles sabiam o que acontecia.

Esteve aí, todo o tempo em frente deles: um volks de cor azul com um corpo no fundo dele. Sim, Clarice Oliveira, a

A Sogra

viúva cujo cadáver desapareceu, estava aí,
coberta com sua mantilha de renda.

Capítulo 3

Ao mesmo tempo em uma zona rural localizada em Matias Barbosa (um município do estado Minas Gerais) estava Marcelo, sorria ao ver seu filho de quatro anos dormir. De repente uma lagrima descendeu em sua face, não era uma lágrima de felicidade. Ele sustinha em sua mão uma foto da que algum dia foi sua família.

- Todo vai estar bem, pensou.

- Toc, toc, ouviu-se na porta.

- Quem seria? Perguntou-se, pois não esperava nenhuma visita.

Quando abriu a porta, estavam dois homens vestidos de preto, ambos usavam blazer.